

A OUTRA VERDADE

Andava eu, havia semanas, numa depressiva fase de isolamento, dolorosa e longa, quando encontrei, finalmente, alguém com quem me parecia valer a pena sentar-me a conversar. Talvez porque andava em busca da minha pedra filosofal, a imagem do Francisco, homem das químicas, com um pouco de filósofo, suscitou-me imediatamente uma enorme vontade de partilhar com ele as minhas grandes dúvidas e inquietações. Depois de alguns anos de ausência, eu regressara à minha tão amada cidade, para o funeral do tio Ernesto, irmão mais velho do meu pai e da mãe do Francisco. O tio Ernesto era viúvo e nunca tivera filhos, pelo que, em crianças, éramos muitas vezes convidados para passar férias na sua casa de Vila Nova de Mil Fontes.

Mal havia terminado a cerimónia do funeral, o Francisco, que mal me cumprimentara à chegada, dirigiu-se-me com ar decidido e desafiou-me para uma bebida no bar mais próximo. Coincidência – pensei. – Também precisa de desenferrujar a língua... Como já disse, o meu primo é um homem de ciências, um estudioso, lógico, racional, em geral reservado, embora, ocasionalmente, quando bebe uns copos, goste de se ouvir a si próprio a filosofar. Pensei, simplesmente, que se encontrava numa dessas ocasiões, e preparei-me para o ouvir. Era o preço a pagar para que me ouvisse também; e até talvez me ajudasse a sair daquela aridez em que me afundara ultimamente.

Era um fim de tarde de Outono um pouco ventoso e frio. As folhas acastanhadas, caídas sobre os passeios, e um cão latindo, de focinho apontado para a chegada da noite, provocaram-me um arrepio. Penso hoje que este foi um cenário muito adequado à narrativa de factos cuja memória iria, para sempre, deixar perturbados os meus incrédulos ouvidos.

Àquela hora, o bar encontrava-se, como habitualmente, quase deserto – apenas um parzinho de namorados, num canto, e três homens, discutindo negócios, que se apressaram a baixar o tom de voz, mal entrámos. Pedidas as bebidas, surgiu algum embaraço, o que não era de surpreender, tendo em conta que não nos encontrávamos havia já alguns anos e, além disso, a nossa relação nunca tinha sido muito próxima. Mas, talvez porque ambos estávamos ansiosos por podermos desabafar com alguém, depressa foi ultrapassado esse obstáculo, e o diálogo iniciou-se. Depois de termos recordado alguns episódios vividos por ambos, em casa do tio Ernesto, em Mil Fontes, durante as férias da nossa infância, a conversa encaminhou-se, finalmente, para o presente, que tanto me angustiava. Falei-lhe do meu descontentamento com a vida profissional e das últimas desventuras amorosas, e dispunha-me a entrar em mais pormenores, quando reparei que o rosto do Francisco revelava uma profunda perturbação. Parei, para o observar melhor, e percebi que o seu aspecto transtornado não podia ter absolutamente nada a ver com o que lhe contara, pois nem sequer se apercebera da minha interrupção e estava com um olhar de quem se encontra voltado para si próprio.

- Francisco! Que se passa contigo? Não te sentes bem?

Olhou-me com um ar desvairado. Depois, pegou no copo e bebeu até à última gota. Recompôs-se um pouco e começou, num tom muito baixo e sério, a contar-me a história mais incrível que já ouvi, se excluir aqueles filmes fantásticos que apenas convencem os muito crédulos ou os ignorantes. No entanto, aquele era o meu primo Francisco, o homem mais racional que eu conhecia e que nunca me parecera um mentiroso nem um brincalhão. Além disso, o seu rosto, de traços mais vincados do que nunca, quase parecendo uma caricatura de si próprio, não podia enganar ninguém – ele vivera, de facto, aqueles acontecimentos inacreditáveis.

Como talvez já saibas, eu vivi, enquanto estiveste fora, algum tempo com a Ana, que morreu há perto de dois anos. Ela era uma mulher muito inteligente, por vezes irritantemente perspicaz e de uma sensibilidade exacerbada. Era de tal forma intuitiva, que chegava a ser perturbadora. As últimas férias que passámos juntos, na sua casa de campo, não foram, de facto, férias, pois eu passava horas e horas ao computador, embrenhado numa complexa e apaixonante investigação, que iniciara pouco antes. Ela lia, durante grande parte do dia, e queixava-se, frequentemente, da minha ausência e frieza, horas seguidas sem lhe dirigir palavra. Lembro-me de ter passado duas noites quase sem dormir, de tal forma me encontrava empolgado pela complexa questão com que me ocupava. Foi logo a seguir que aconteceram os terríveis factos que até hoje, nunca contei a ninguém.

Tínhamos almoçado na varanda, em silêncio absoluto, e, sem sequer ter levantado os pratos da mesa, a Ana saiu, sob o pretexto de ter de pôr uma carta no correio. Recordo que me senti um pouco incomodado, por nem sequer me ter dito a quem se dirigia a carta, já que era seu hábito fazê-lo. Levantei a mesa, sentei-me à frente do computador e rapidamente esqueci o assunto, pois não sou dado a arrastar esse tipo de susceptibilidades.

Horas mais tarde, olhei para o relógio e, quer acredites, quer não, soube nesse preciso instante que algo de extraordinário tinha acontecido. Levantei-me imediatamente e encaminhei-me, sem pensar duas vezes, para o carreiro ladeado por árvores que começa nas traseiras da casa e conduz à estrada secundária, a poucos metros dos primeiros pinheiros da serra. De repente, e contrariamente ao meu velho hábito de passar pelas coisas que me rodeiam sem olhar para elas, absorto que ando, quase sempre, em cogitações de índole científica, todos os meus sentidos se alertaram, como se esperasse ver surgir um sinal a qualquer momento...

Continuei o percurso, sem nunca parar, explorando cada pedaço do solo e observando atentamente a exuberante vegetação que teimava em reinar, apesar das elevadas temperaturas dos últimos dias. Embrenhei-me, finalmente, nos pinheiros e, sem ter hesitado uma só vez na direcção a tomar, fui até perto da velha casa em ruínas, onde Ana passara muitos dias de férias, na sua infância. Só então parei; o suor escorria-me pelo rosto e colava-me às costas a velha camisa de algodão. (Curiosamente, procurei, há dias, essa camisa por todo o lado e não consegui encontrá-la...) Sentei-me no chão, encostado a uma árvore, para descansar um pouco, e talvez porque mal dormira nas noites anteriores, caí imediatamente num sono profundo.

Repentinamente, surgiu à minha frente uma imponente figura feminina, muito alta e hirta e de faces cor de cal. Calafrios consecutivos percorreram-me o corpo suado, imobilizando-me de terror. Quis levantar-me e fugir, porque algo na sua atitude me fez sentir ameaçado, mas fui incapaz de erguer o corpo. A voz ficou-me igualmente presa na garganta...A casa, atrás da ameaçadora figura, pareceu-me também assustadora, a rir desdenhosamente, com as suas numerosas janelas partidas e sujas, como dentes apodrentados...

Mas, pouco a pouco, consegui recuperar, em parte, a minha calma e frieza habituais, e pensei: Há, decerto, uma explicação lógica para tudo isto...Claro! Só pode ser isso: A Ana e o seu sonho frustrado de ser actriz...Decidiu desempenhar este papel, para me provar o seu talento. Por isso, a cara me parecia vagamente familiar...E sabia que eu acabaria por procurá-la aqui. Mas o seu olhar, como está imóvel e, simultaneamente, penetrante...Ela é, de facto, espantosa!

Levantei-me, por fim, e avancei na sua direcção, simulando um espanto que já não sentia. Quis ver até aonde iria a farsa. Estendi a mão, para lhe tocar no rosto, mas ela recuou. Persisti, aproximando-me, e vi então, sem sombra de engano, duas grossas lágrimas, caindo-lhe pelas faces desmaiadas. Impulsivamente, abracei-a, e creio que esse abraço foi o mais verdadeiro, o mais rico de emoção, de toda a minha vida. Mas foi apenas um instante breve, que se esfumou entre a realidade e a dúvida...

Devo ter voltado a adormecer, pois não me lembro do que aconteceu em seguida. Toda aquela agitação, a subida até à serra e a ausência de descanso das noites anteriores devem ter-me deixado completamente exaurido. O Sol nascente irrompia por entre os pinheiros, quando recuperei a consciência. Sentia-me enregelado e com os membros dormentes, e ergui-me com alguma dificuldade. À minha frente, o patético rosto da casa em decadência trouxe-me imediatamente à memória os acontecimentos da véspera, fazendo-me notar a ausência da Ana. Porque teria partido, deixando-me ali, exposto aos perigos da noite na serra? Depois do que sentira perante a sua perfeita representação, sentia-me duplamente traído. Só se o seu afirmado e reafirmado amor fora substituído por um tremendo ódio, provocado pela minha quase total indiferença dos últimos tempos... Na verdade, por essa época, eu sentia-me bem

mais apaixonado pelo meu trabalho do que pela Ana, mas a sua presença era não só cômoda, como até agradável, pelo menos quando não reivindicava demasiado a minha atenção. Além disso, para o meu equilíbrio, era imprescindível que a ordem se mantivesse na casa, e disso cuidava ela muito bem, sem insistir muito em que partilhássemos tarefas. Eu ajudava-a, de vez em quando, a pôr ou a levantar a mesa, e isso parecia-me suficiente para evitar que o seu lado feminista se manifestasse. Talvez que, com a sua aguçada inteligência, a Ana se tivesse apercebido de tudo isso e estivesse agora a vingar-se... Por outro lado, não me parecia que ela fosse capaz de engendrar e planejar friamente uma vingança; era mais do tipo impulsivo, reagindo, por vezes, com alguma agressividade verbal, quando se sentia esquecida ou mal amada. Nada que uma pequena manifestação de ternura não fizesse passar rapidamente.

No caminho de regresso, o silêncio da madrugada foi sendo, progressivamente, substituído pelos sons da natureza, que acordava, imponente, para mais um dia de calor intenso. Alguns arbustos estalavam-me, debaixo dos pés, e, num deles, tropecei, caindo desamparado e arranhando-me nos carrascos. A distância que percorrera na véspera parecia ter-se multiplicado.

A casa estava ainda adormecida; deitada na cama, Ana não despertou com a minha chegada ou fingiu que continuava a dormir.

Por mais estranho que possa parecer-te, nenhum de nós chegou a falar do que se passara. A razão por que ela não abordou o assunto, nunca a saberei. Quanto a mim, também me calei, penso que um pouco por orgulho, um pouco por medo...um medo inexplicável de algo em que não queria penetrar a fundo.

Nos dias seguintes, quase esqueci o incidente, embora, de quando em quando, fosse invadido por uma estranha angústia, sobretudo quando a Ana se ausentava por mais tempo sem dar explicações.

Neste ponto do relato, dado o adiantado da hora, fizemos uma pausa, para decidirmos onde jantaríamos. Eu tinha-me envolvido totalmente no relato dos acontecimentos e mal podia esperar pelo desenlace de toda aquela história. Quanto ao Francisco, pareceu-me que lhe estava a fazer muito bem livrar-se um pouco do peso enorme que carregava sozinho havia demasiado tempo. Assim, sugeri que tomássemos ali mesmo uma refeição ligeira. Enquanto comemos, falámos um pouco de trivialidades, como a aparência de alguns familiares que se encontravam no funeral e que não víamos há muito; mas eu, embora não me atrevesse a pressioná-lo, ardia de curiosidade...

- Ainda não me disseste de que morreu a Ana – perguntei, finalmente, para reintroduzir o assunto.

Depois de uma breve pausa, em que o Francisco parecia procurar no fundo de si mesmo algumas respostas, continuou, num tom de voz cada vez mais baixo e sentido, a sua inquietante narrativa.

Conta-se na família da Ana que uma das suas trisavós sofria de uma estranha doença – creio que se chama catalepsia –, que conduz a um estado semelhante ao da morte. Como sabes, nessa época, a medicina encontrava-se ainda na sua pré-história, sobretudo nos meios rurais, onde, frequentemente, era representada por velhos médicos, por vezes muito dedicados, mas sem acesso a formação contínua. Ainda hoje, na família, há quem ache que a tal senhora, de nome Mariana, possa ter sido enterrada viva, em consequência de um desses ataques, quando era ainda uma jovem mulher.

A Ana sentia uma enorme identificação com a imagem que lhe fora transmitida da sua trisavó – além das semelhanças físicas, diziam que era também uma pessoa de rara sensibilidade, carinhosa, sonhadora e, tal como a Ana, tremendamente impulsiva.

Creio que essa grande semelhança foi por ela empolgada ao ponto de quase se convencer de que era a própria Mariana reencarnada, o que começou a abalar o seu lado racional. Isto conduziu-a a uma busca incessante, que passou pela leitura de inúmeros livros sobre temas como reencarnação, gnose e diversas formas de ocultismo. Todo esse conhecimento se foi aglomerando de forma um tanto ou quanto confusa e, a partir dessa amálgama, criou ela própria as suas teorias, que tentava, a todo o custo, transmitir-me. Claro que eu tinha muito mais que fazer do que ouvir, a toda a hora, discursos disparatados, do tipo: Não devias fechar-te em tanto saber racional, que só gera solidão e angústia e te fecha as portas ao sonho e à esperança. Ou: Ao depreciar a dimensão em que eu vagueio, estás a procurar reduzir tudo às tuas próprias proporções e a tentar impedir que eu transcenda os limites por ti conhecidos; mas não será esse ostracismo a que condenas tudo o que não conheces que me irá deter.

Cheguei a sugerir-lhe que consultasse um psiquiatra, de tal forma me parecia obcecada por questões sobrenaturais – mostrou-se ofendida e furiosa, mas, pelo menos, interrompeu por algum tempo os seus discursos transcendentalistas.

Esta situação explica, em parte, a barreira que se foi erguendo entre nós. O meu trabalho, que era, sem dúvida, absorvente, foi-se tornando, cada vez mais, o meu refúgio e, também cada

vez mais, a Ana se ia enredando num outro espaço, talvez num outro tempo, onde não havia lugar para a lucidez nem para a razão. Penso que foi isso que a matou.

Durante dois ou três minutos, o Francisco permaneceu silencioso, como que a ordenar os pensamentos. Depois, pegou num guardanapo de papel e limpou as gotas de suor que lhe perlavam a testa. Em seguida, ergueu o braço e pediu mais uma bebida, não sem ter antes verificado que o meu copo ainda se encontrava semi-cheio.

Parecia-me que a sua sinceridade tinha vindo a aumentar progressivamente ao longo do discurso ou talvez ele próprio tivesse vindo a fazer descobertas dentro de si, à medida que ia falando.

Ficou calado durante mais algum tempo, olhando em seu redor, sem nada realmente ver, e eu não me atrevi a romper o seu silêncio.

Sabes, João, há momentos em que eu tenho necessidade de ordenar os acontecimentos da minha vida com a Ana e não sou capaz; por mais que tente concentrar-me, há factos que me escapam e outros que não consigo localizar no tempo, como aquele episódio junto da casa da serra; chego a acordar, de noite, convencido de que tudo aquilo se passou posteriormente à sua morte. E mesmo neste momento, não sei...As suas palavras martelam-me, repetidamente, os ouvidos: Francisco, penso que só ficarás a salvo da solidão, do isolamento, talvez da loucura, se te desprenderes um pouco desse saber que persegues obsessivamente, porque a razão, que se afirma em ti e te limita, só poderá conduzir-te ao caminho da angústia. Por favor, abdica dessa forma de poder que tanto te atrai, tenta vislumbrar outras saídas, abre as portas à esperança...

E à força de tanto escutar as frases que eu, dantes, considerava despropositadas, elas vão ganhando cada vez mais significado e o hermetismo que, ao princípio, me parecia caracterizá-las vai-se desfazendo, desaparecendo...Mas isso não impede que viva mergulhado em confusão, medo e, simultaneamente, num profundo e estranho amor, que só demasiado tarde descobri. Ora vivo momentos de harmonia e reconciliação, ora de inexplicável terror, sem conseguir encontrar equilíbrio nem paz. E ninguém me pode ajudar, porque neste tempo e neste espaço, os que me rodeiam são a imagem do que eu era – limitar-se-iam a troçar de mim. Tu, não, João, tu não ris de mim, porque não está na tua natureza rir de ninguém, a não ser, talvez, de ti próprio; nunca foste de te levar demasiado a sério, por isso me surpreende a tua depressão. Mas penso que também não me podes ajudar, pois os teus fantasmas são muito diferentes dos meus; os teus...são apenas os fantasmas da depressão.

Nova pausa, mais uma bebida para ambos.

- É a última – disse o Francisco. Amanhã, tenho de partir bem cedo.

Eu fiquei calado, expectante, até que ele prosseguiu.

Uma das coisas que a Ana dizia era que os objectos também possuem alma. Afirmava-o com um ar perfeitamente sério e convicto, que me exasperava. Tratava a casa e tudo quanto ela continha com extrema ternura. Por isso, nunca mais lá consegui viver. Era como se ela estivesse ali permanentemente, tocando cada objecto com o mesmo carinho com que acariciava o meu rosto e os meus cabelos; e isso era-me insuportável.

Dois ou três meses após a sua morte, fui buscar alguns objectos à casa de campo, para onde, entretanto, se mudara uma prima. Antes de regressar, decidi dar um passeio a pé, apesar de o Sol estar muito quente, como naquela tarde...De novo sem hesitar, dirigi-me, através do carreiro ladeado por árvores, para a estrada que conduz à serra. No caminho, fui recordando, mergulhado num misto de saudade e remorso, palavras que, na altura, me tinham parecido patéticas, puros disparates, e agora começavam a transformar-se na minha outra verdade.

O suor inundava-me o rosto e o corpo, quando, finalmente, cheguei ao pé da casa em ruínas. E a velha casa já não ria de desdém, com os seus dentes apodrecidos. Pareceu-me, sim, muito doente, pedindo ajuda, qual ser vivo, repleto de uma imensa memória e de grande saudade.

Isabel Pereira Rosa, in "Folhas Soltas", SOL XXI, 1998